

SALMAN RUSHDIE

HAROUN E O MAR DE HISTÓRIAS

Tradução
Isa Mara Lando



Copyright © 1990 by Salman Rushdie
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Haroun and the Sea of Stories

Capa

Jeff Fisher

Revisão

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdie, Salman

Haroun e o Mar de Histórias / Salman Rushdie ; tradução Isa
Mara Lando. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Haroun and the Sea of Stories

ISBN 978-85-359-1698-0

1. Ficção india (Inglês) I. Título

10-05523

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção india em inglês 823

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

1. O Xá do Blá-blá-blá 9
 2. O Expresso Postal 21
 3. O Lago Sem Graça 35
 4. Um Se e um Mas 49
 5. Os Gupis e os Tchupwalas 63
 6. A história do espião 77
 7. Na Zona da Meia-Luz 91
 8. Guerreiros das Sombras 105
 9. O Navio das Trevas 119
 10. O desejo de Haroun 131
 11. A Princesa Batchit 149
 12. Foi mesmo o Leão Marinho? 163
- Sobre o autor 179

1. O XÁ DO BLÁ-BLÁ-BLÁ

ERA UMA VEZ, no país de Alefbey, uma triste cidade, a mais triste das cidades, uma cidade tão arrasadoramente triste que tinha esquecido até o seu próprio nome. Ficava à margem de um mar sombrio, cheio de peixosos — peixes queixosos e pesarosos, tão horríveis de se comer que faziam as pessoas arrotarem de pura melancolia, mesmo quando o céu estava azul.

Ao norte dessa triste cidade havia poderosas fábricas nas quais a tristeza (assim me disseram) era literalmente *fabricada*, e depois embalada e enviada para o mundo inteiro, que parecia sempre querer mais. Das chaminés das fábricas de tristeza saía aos borbotões uma fumaça negra, que pairava sobre a cidade como uma má notícia.

E nas entradas da cidade, atrás de uma velha zona de edifícios caíndo aos pedaços, que mais pareciam corações partidos, vivia um garoto feliz, chamado Haroun, filho único de Rashid Khalifa, o contador de histórias, cuja alegria era famosa em toda aquela infeliz metrópole, e cujo fluxo interminável de histórias críveis e incríveis, entrelaçadas e serpenteantes, tinha lhe valido não só um apelido, mas dois. Para seus admiradores ele era Rashid, o Mar de Ideias, tão recheado de histórias gostosas como o mar era recheado de peixosos; mas, para seus invejosos rivais, ele era o Xá do Blá-blá-blá. Para sua mulher, Soraya, Rashid foi por muitos anos o marido mais amoroso que se poderia desejar, e durante todos esses anos Haroun foi criado numa casa onde, em vez de tristeza e rugas na testa, havia o riso fácil do seu pai e a voz doce da sua mãe cantando canções que voavam pelo ar.

Foi então que alguma coisa deu errado. (Quem sabe a tristeza da cidade acabou penetrando pelas janelas da casa?)

No dia em que Soraya parou de cantar no meio de um verso, como se alguém tivesse desligado uma chave, Haroun imaginou que alguma complicação estava começando. Mas ele nem desconfiava o quanto essa complicação era complicada.

Rashid Khalifa vivia tão ocupado inventando e contando suas histórias que nem reparou que Soraya não cantava mais; e provavelmente isso piorou ainda mais as coisas. Mas Rashid era um homem ocupadíssimo, extremamente solicitado: era o famoso Mar de Ideias, o grande Xá do Blá-blá-blá. Com todos os ensaios e apresentações que tinha de fazer, Rashid vivia nos palcos, e acabou perdendo o pé do que acontecia na sua própria casa — sempre correndo pela cidade inteira e pelo país inteiro contando histórias, enquanto Soraya ficava em casa, com uma nuvem negra em cima da cabeça e até uns trovõezinhos, preparando uma senhora tempestade.

Haroun acompanhava o pai sempre que possível, pois o homem era um mágico, isso ninguém podia negar. Era capaz de subir num palquinho improvisado no fim da rua, num beco cheio de crianças esfarrapadas e velhos desdentados, sentados de cócoras no chão de terra, e quando começava a falar, até as vacas que perambulavam pela cidade paravam e empinavam as orelhas. Em cima dos telhados os macacos tagarelavam junto com ele, e os papagaios nas árvores imitavam a sua voz.

Haroun costumava pensar que seu pai era um Malabarista, pois cada história era, na verdade, uma porção de histórias diferentes entremeadas uma na outra, e Rashid as mantinha todas sob controle, numa espécie de rodamoinho estonteante, e nunca se atrapalhava.

De onde vinham essas histórias todas? Parecia que bastava a Rashid abrir a boca, com um sorriso rosado e rechonchudo, e lá vinha uma saga novinha em folha, completa, com bruxarias, interesses amorosos, princesas, tios malvados, tias gordas, gângsteres de bigodinho e calça xadrez amarela, lugares fantásticos, covardes, heróis, batalhas, e meia dúzia de canções cativantes, fáceis de cantar. “Tudo vem de algum lugar”, raciocinava Haroun, “portanto, não é possível que essas histórias sejam feitas assim, só de ar...”

Mas sempre que ele fazia a seu pai essa pergunta, a mais importante de todas as perguntas, o Xá do Blá-blá-blá apertava os olhos, que (para falar a verdade) eram um pouco saltados, dava umas palmadinhas na pança e enfiava o polegar na boca, fazendo um barulho ridículo como se estivesse beben-do: *glu glu glu*. Haroun odiava quando seu pai fazia isso. Insistia então: “Não, pai, falando sério, de onde elas vêm?”, e Rashid retorcia as sobrancelhas com um ar misterioso e desenhava com os dedos no ar uns sinais enigmáticos.

“Vêm do grande Mar de Histórias”, respondia. “Eu bebo a Água de Histórias, bem morninha, e fico a todo vapor.”

Haroun achou essa explicação extremamente irritante: “Mas então onde você guarda essa água quente?”, perguntou com astúcia. “Só pode ser em garrafas de água quente, não é? Pois muito bem, nunca vi nenhuma!”

“Ela vem de uma Torneira invisível, instalada por um Gênio da Água”, disse Rashid com a maior cara de pau. “Mas precisa ser assinante.”

“E como a gente faz para virar assinante?”

“Ah!”, disse o Xá do Blá-blá-blá, “isso é Complicado Demais Para Explicar.”

“Bom, mesmo assim”, disse Haroun, emburrado, “também nunca vi um Gênio da Água.” Rashid deu de ombros e observou: “Você nunca está acordado quando chega o leiteiro, e nem por isso deixa de tomar leite. Portanto desista, por

favor, de tanto ‘mas’ e de tanto ‘e se’, e fique feliz com as histórias de que você gosta”. E este foi o fim da conversa.

Só que um dia Haroun fez uma pergunta que não estava no programa, e aí começou um verdadeiro inferno.

A família Khalifa morava no andar térreo de uma casinha de cimento com paredes cor-de-rosa, janelas verde-limão e varandas azuis com uma grade cheia de arabescos — coisas que faziam a casa parecer um bolo (pensava Haroun), e não uma casa. Não era uma casa imponente; não se parecia nada com os arranha-céus onde morava o pessoal super-rico; mas também não era como as casas dos pobres. Os pobres moravam em barracões desmantelados, feitos de velhas caixas de papelão e pedaços de plástico, e a cola que mantinha essas casas em pé era o desespero. E havia também os superpobres, que não tinham casa de espécie alguma. Dormiam na calçada e na porta das lojas, e até para isso tinham de pagar uma taxa para os gângsteres da cidade. Assim, a verdade é que Haroun tinha sorte; mas a sorte às vezes foge sem dar o menor aviso. Num momento você tem uma boa estrela te protegendo, e no momento seguinte, babau.

Na cidade triste a maioria das pessoas tinha família grande; mas os filhos dos pobres ficavam doentes e passavam fome, enquanto os filhos dos ricos comiam demais e brigavam por causa do dinheiro dos pais. Haroun queria saber por que seus pais não tinham tido mais filhos, mas a única resposta que Rashid lhe dava não respondia nada:

“Jovem Haroun Khalifa, há em você mais coisas do que se vê num primeiro olhar.”

Bem, mas que diabo ele queria dizer com *isso*? Rashid explicou: “Nós gastamos todo o nosso material de fazer

crianças só com você. Está tudo aí, daria pra mais umas quatro ou cinco criancinhas. Sim senhor, em você há mais coisas do que se vê num primeiro olhar!”.

Dar uma resposta direta era algo além da capacidade de Rashid Khalifa, que nunca tomava o caminho mais curto se havia outro mais longo e mais enroscado. Soraya deu a Haroun uma resposta mais simples: “Nós tentamos”, disse ela, com tristeza. “Esse negócio de crianças não é assim tão fácil; veja os coitados dos Sengupta.”

Os Sengupta moravam no andar de cima. O Sr. Sengupta era funcionário num escritório, e era tão magricela e tão choramingas e tão mesquinho como sua mulher, Onita, era generosa, expansiva e gordona. Não tinham nenhum filho, e por isso Onita Sengupta dava mais atenção a Haroun do que ele de fato gostaria. Trazia-lhe doces (o que ele achava legal) e arrepiava seu cabelo (o que ele não achava nada legal); e quando ela lhe dava um abraço, parecia que seu corpo vinha despencando em cima dele como uma grande cachoeira, para seu grande alarme.

O Sr. Sengupta não dava confiança para Haroun, mas estava sempre conversando com Soraya, coisa de que Haroun não gostava, especialmente quando o sujeito começava a criticar Rashid, o contador de histórias, achando que Haroun não estava ouvindo. “Esse seu marido, me desculpe falar”, começava ele, na sua vozinha chorosa. “Vive no mundo da lua, não tem os pés no chão. Afinal de contas, o que são essas histórias todas? A vida não é nenhum livro de histórias, nem uma loja de piadas. Todo esse divertimento ainda vai acabar mal! E pra que servem essas histórias que nem sequer são verdade?”

Haroun, esforçando-se para ouvir pela janela, resolveu que não gostava do Sr. Sengupta, esse homem que odiava histórias e contadores de histórias; não gostava dele nem um pouquinho mesmo.

Pra que servem essas histórias que nem sequer são verdade?